

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**A REALIDADE QUILOMBOLA NA INTERCONEXÃO DE MUNDOS
DISTINTOS**

Um reflexo da modernidade

Heloisa Helena Ribeiro de Castro

Resumo

Dialogando com Giddens, Bauman, Canclini e Sevcenko, o artigo tem como tema a influência do processo midiático sobre o jovem negro em comunidades quilombolas. O estudo de caso identifica e analisa como os jovens destas comunidades são impactados pelas mídias e como este contato propicia escolhas de construção ou reconstrução da tradição destes grupos.

Entender o conteúdo desta comunicação e de que maneira a globalização induz ou não ao esquecimento ritos simbólicos nestas comunidades, elucida o processo de construção social e comunitária inserido neste contexto.

Palavras-chave: 1. Interconexão 2. Quilombo 3. Globalização 4. Comunidade 5. Jovem

A vida humana é uma construção constante de significados, acrescidos dia a dia por novos símbolos, experiências, interações, aprendizados, interconexões, interdependências. O ser humano, gregário em essência, necessita trocar continuamente com seu semelhante impressões, opiniões, expectativas, para poder criar em si a própria identidade..

O presente artigo pretende discutir a influência do ferramental midiático sobre o jovem negro em comunidades quilombolas brasileiras, hoje parte do patrimônio cultural da nação.^{NT1}

Sendo a vida estruturada e edificada pelas experiências que temos e pelo contato com outras experiências vividas que trazem diversas interpretações e sentidos, é necessário falarmos um pouco de globalização.

A definição que o dicionário Aurélio da língua portuguesa nos dá de globalização é: processo de integração entre economias e sociedades dos vários países, especialmente no que se refere à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros e à difusão de informações. Globalizar, para o mesmo dicionário, é totalizar, integralizar ou seja, tornar

^{NT1} Verificar Constituição Federal/88, art. 216

inteiro, juntar, fazer parte de.

Para outro dicionário o Priberam da língua portuguesa, globalização é um fenômeno ou processo mundial de integração ou partilha de informações, de culturas e de mercados. Globalizar portanto é inserir ou inserir-se na economia mundial ou na partilha global de informação segundo o dicionário.

Percebemos então que os processos de globalização estão intrinsecamente ligados a informação dinâmica e rápida propiciada pelas tecnologias, aos mercados (produtores e consumidores) e a necessidade de pertencimento.

O processo de globalização e suas múltiplas influências cria um cenário de interconexões, referências múltiplas e novos paradigmas aonde, como afirma Anthony Giddens, “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”. (GIDDENS, 2007:14)

Para vários autores o processo de globalização teve início no século XVI , quando houveram as grandes conquistas marítimas e territoriais, grandes saques das riquezas nos novos continentes.

Para se ter uma idéia, em apenas um século, dos oitenta milhões de nativos existentes na América Pré-Colombiana, setenta milhões foram exterminados, duas mil línguas desapareceram com eles... Territórios foram demarcados arbitrariamente ignorando-se povos, culturas, línguas e religiões, para facilitar o saque de suas

riquezas. Os dez milhões de africanos transplantados para o Brasil depois de séculos nas plantações de cana, de café e nos garimpos das Minas Gerais, ficaram abandonados à própria sorte. (TENDLER, 2006)

Outros, como descreve Canclini, argumentam que a globalização se deu no início do século XX, “quando as inovações tecnológicas e comunicacionais articulam os mercados em escala mundial.”

Aqueles que lhe atribuem uma origem mais remota privilegiam seu aspecto econômico, ao passo que quem justifica a aparição recente desse processo dá mais peso a suas dimensões políticas, culturais e comunicacionais. (CANCLINI, 2003:11)

Outros ainda, advogam seu início no final do século XX, quando a revolução da microeletrônica trouxe uma aceleração em escala exponencial das inovações tecnológicas. Para Nicolau Sevcenko, essa etapa que representa a atualidade, é “assinalada por um novo surto dramático de transformações”. (SEVCENKO, 2007:16)

Vários autores diferem globalização de internacionalização e transnacionalização como é o caso de Canclini em A Globalização Imaginada (CANCLINI 2003:41) quando diz que “A internacionalização da economia e da cultura tem início com as navegações transoceânicas, a abertura comercial das sociedades européias para o Extremo Oriente e a América Latina e a conseguinte colonização”. Para ele,

“a transnacionalização é um processo que se forma mediante a internacionalização da economia e da cultura, mas que dá alguns passos além a partir da primeira metade do século XX, ao gerar organismos, empresas e movimentos cuja sede não se encontra exclusiva nem predominantemente numa nação” (CANCLINI, 2003:41)

Posterior aos processos de internacionalização e transnacionalização surge a globalização, no final do século XX, com o desenvolvimento exponencial da microeletrônica, dos satélites, da aviação, da comunicação, culminando com os computadores, hoje móveis também. Tudo tem mobilidade dentro do processo de descontinuidade que abrange o próprio tempo, o espaço, as relações interpessoais, os relacionamentos profissionais, políticos e econômicos, o consumo. É a técnica se fazendo presente e com a qual conseguimos fazer cada vez mais coisas em menos tempo. Produção! Eficiência! Eficácia! Competitividade! Palavras que na atualidade se tornaram verdadeiros dogmas.

Já não há limites para transpormos um oceano em segundos e é exatamente na separação do tempo e do espaço, como afirma Giddens, que o desencaixe dos sistemas

sociais tem terreno fértil. Sempre houveram formas de se calcular o tempo “mas o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar – e era geralmente impreciso e variável”. (GIDDENS, 1991:2)

Hoje o tempo é um só. Em todo o globo, temos um calendário único que não prevê as diferentes crenças, os diferentes momentos, mas cria a sensação de unicidade. Todos temos e vivemos num mesmo tempo que já não é controlado pelas marés, nem pela lua, nem pelas estrelas ou pelo sol. A natureza enquanto cerne da estruturação do tempo já não é levada em conta. O tempo é mecânico ou digital, mas não é natural.

O ‘esvaziamento do tempo’ é em grande parte a pré-condição para o ‘esvaziamento do espaço’ e tem prioridade causal sobre ele (GIDDENS, 1991:26) e isso se dá porque já não é necessária a presença para que haja influência no cotidiano. Podemos ter nossos comportamentos moldados por uma situação que, neste momento, está ocorrendo em alguma região remota do planeta.

“O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço”. (SEVCENKO, 2007:14) Com o esvaziamento do tempo e do espaço, os hábitos e práticas locais podem se perder e pode se perder a história, a partir do momento que ela passa a ter diversas interpretações alicerçadas por outras culturas, por outras necessidades, por outras visualizações.

...narrar histórias em tempos globalizados, mesmo que seja a própria, a do lugar em que se nasceu ou se vive, é falar para outros, não apenas contar o que existe mas também imaginá-lo fora de si. Também por isso ganham importância as metáforas, que explicam o significado das coisas por comparação com o diferente. (CANCLINI, 2003:48)

Como então transmitir saber e história por oralidade, preservando tradições, quando as ferramentas midiáticas nos transmitem, a todo momento, mundos tão diferentes, culturas tão diversas, num chamamento contínuo de consumo, de violência, de outras realidades?

Esse sentido de não permanência, é discutido por Bauman quando afirma que a Modernidade Líquida é a sociedade atual cujas “realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades.”

As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente.

Por essa razão, aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável...(BAUMAN, 2009)

A vida moderna tende a nos distanciar de nossa própria história, a partir do momento em que as transformações seguem rapidamente, num processo contínuo de reconstruções, aonde nossa capacidade de absorção não consegue reter grande parte destas modificações.

Vivemos num mundo de *re-começos*, *re-estruturas*, *re-construções*, *re-adaptações*.

A possibilidade de nos locomovermos e nos comunicarmos com todo o globo tomando conhecimento de outras culturas, criando novos elos com pessoas nem sempre conhecidas, estruturando novas formas de pensar e agir, nos possibilita diversas reconstruções sociais, emocionais e culturais para que possamos edificar nossa própria realidade individual. Neste imenso universo simbólico, existe a necessidades de nos definirmos e nos conectarmos.

... A pessoa não é um produto acabado, mas uma criatura aberta pela ambiguidade e enriquecida pelo desejo... Não habitamos um mundo natural, mas vivemos numa selva de símbolos. (RUIZ, 2003:54)

Em seu livro *Mundo em Descontrole*, Giddens abre o primeiro capítulo, *Globalização*, com a história de uma amiga inglesa que estuda a vida aldeã na África Central. Conta a história que quando esta amiga chegou para realizar o trabalho de campo, foi convidada para um “divertimento noturno numa casa do lugar”. (GIDDENS, 1991:11) Esse divertimento se tratava de assistir ao filme *Instinto Selvagem* que sequer havia chegado aos cinemas de Londres.

Não havia, portanto, nenhum passatempo tradicional da comunidade mas a exibição de um filme com símbolos e significados globais. Não haviam ritos, rituais ou ritmos próprios mas uma apropriação de códigos que foram adequados à transmissão por meio de um canal.

Fruto da modernidade? Do avanço tecnológico e do desenvolvimento dos sistemas de informação e dos transportes? Da sociedade da informação e do conhecimento como afirmam outros? Da globalização?

...Longe de mim sugerir um determinismo tecnológico; quero apenas demonstrar o papel facilitador da tecnologia. Na verdade, os novos fluxos comunicacionais informatizados geraram processos globais ao se associarem a grandes concentrações de capitais industriais e financeiros, com a flexibilização e

eliminação de restrições e controles nacionais que limitavam as transações internacionais. Também foi preciso que os movimentos transfronteiriços de tecnologias, bens e finanças fossem acompanhados por uma intensificação de fluxos migratórios e turísticos que favorecem a aquisição de línguas e imaginários multiculturais. Nessas condições é possível, além de exportar filmes e programas televisivos de uma país a outro, construir produtos simbólicos globais, sem ancoragens nacionais específicas, ou com várias ao mesmo tempo, como os filmes de Steven Spielberg, os videogames e a *world music*. (CANCLINI, 2003:42)

Hoje, a maioria dos lugares e das localidades é alcançada por alguma ferramenta midiática que transmite influências sociais, políticas e culturais.

A comunicação eletrônica não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres. Quando a imagem de Nelson Mandela pode ser mais familiar para nós que o rosto do nosso vizinho de porta, alguma coisa mudou na natureza da experiência cotidiana. (GIDDENS, 2007:22)

De que maneira então o jovem, sempre em permanente busca pelo novo, é impactado pelas informações que lhe são transmitidas via internet ou televisão? E o jovem negro de comunidades quilombolas?

Há anos atrás (2001) visitamos uma comunidade de negros intitulada Remanso, em Marimbús^{NT2}, distrito de Lençóis, ‘capital’ da Chapada Diamantina (BA). Era impressionante como eles conservavam suas raízes, seus saberes de tradição, sua história. Sr. Manoelzinho líder absoluto da comunidade ainda estava vivo e fazia questão de, ele mesmo, passar aos jovens todo o seu saber e toda a história do local, desde captura da índia que era sua avó por um negro do mato (seu avô), a saída da fazenda Cajazeira, na outra margem do Rio Santo Antonio (em função da venda da mesma, os novos donos não queriam mais os quilombolas em suas terras), o início do Remanso “do lado de cá”, as plantações iniciais, a forma certa de pescar, as histórias de cura do Jarê (variante do candomblé de caboclo que só se cultua no centro da Chapada Diamantina principalmente nas cidades de Andaraí e Lençóis), as festas de São Francisco padroeiro da comunidade, o primeiro rádio adquirido por ele que transmitia notícias para todos que eram convidados a ir até sua casa.

Não havia luz elétrica e as histórias e estórias eram transmitidas oralmente, em rodas de conversas com vizinhos, procurando sempre preservar o que a memória ainda recordava de tempos idos.

O contato com o “mundo exterior” se dava uma vez por semana, às segundas-feiras, quando membros da comunidade andavam 19 quilômetros para chegar em Lençóis e comercializar na feira local sua farinha (feita pelas mulheres da comunidade), seus Manzuás (armadilha para peixes) e o excedente de suas roças de subsistência. A presença de turistas era esporádica e acontecia quando, para se chegar a Cachoeira do Roncador, era necessário passar por Remanso pegar um barquinho feito de tronco de árvore - executado pelos membros da comunidade – e subir o Rio Santo Antonio.

A tradição negra e local parecia estar sendo mantida, tendo como base a definição de Giddens: “A tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas”. Para ele tradição envolve, de alguma maneira, controle do tempo.

NT2. Marimbús – terras periodicamente alagadas e cobertas por vegetação hidrófila

Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente. (BECK e GIDDENS, 2007:80)

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. (GIDDENS, 2007:44)

Diante da importância africana em nossa cultura, nem sempre devidamente valorizada, começamos a pesquisar sobre o período escravista no Brasil e sua permanência de quase quatrocentos anos. Quisemos entender o patrimônio cultural afro-brasileiro, conhecer outros quilombos e seu patrimônio, suas lutas e suas necessidades.

Nos impressionou a quantidade de comunidades existentes espalhadas pelo país, cada qual com suas raízes, seus ritos, sua linguagem e símbolos próprios. Umas com tradição em artesanato, outras em pesca, outras em criação, outras ainda em apicultura..

Imediatamente veio uma frase da saudosa antropóloga Ruth Cardoso presente em um livro sobre artes e artesanato brasileiro de Sig Bergamin, Adoro o Brasil:

Dentro da complexidade humana, ao nos vermos cercados de máquinas e objetos padronizados, sentimos necessidades de ter por perto algo que nos remeta ao lugar dos sentidos e das individualidades. Nesse contexto ganha espaço o artesanato, com suas múltiplas caras e possibilidades. (CARDOSO in BERGAMIN, 2003:29)

Houve então uma indagação sobre a possibilidade de afirmarmos se no processo de globalização e na introdução de novos signos e significados poderia haver alterações nessas

comunidades e em que contexto se dava a relação do jovem negro quilombola com estas influências.

Desde sempre expropriados, a partir do momento que eram caçados e trazidos em navios negreiros, apartados de seus referenciais para se tornarem mão de obra escrava e mola propulsora da nossa economia, os escravos e seus descendentes imprimiram marcas peculiares e muito próprias na nossa culinária, religião, música e dança.

Após mais de duas décadas da promulgação de nossa Constituição,

...o Estado brasileiro dá os primeiros sinais de respeito aos direitos fundamentais das comunidades quilombolas e, mais do que isso, encampa a concretização desses direitos, garantindo às gerações futuras a sobrevivência dessa cultura”.
(FELZEMBURG, 2009)

É preciso entender as influências culturais, sociais e políticas da atualidade, nômade e fluída, sobre o local e o “fixo” de raízes negras.

Ao longo do estágio sólido da era moderna, os hábitos nômades foram mal vistos. A cidadania andava de mãos dadas com o assentamento e a falta de ‘endereço fixo’ e de ‘estado de origem’ significava exclusão da comunidade obediente e protegida por leis, frequentemente tornando os nômades vítimas de discriminação legal, quando não de perseguição ativa...

No estágio fluído da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial...(BAUMAN, 2001:20)

É a necessidade de contar sua história, de pertencer, de efetivar alianças sociais e culturais que faz com que os negros brasileiros tenham vontade de ser e estar presentes. Afinal, eles ajudaram a construir essa nação embora nunca tenham tido tal reconhecimento.

Índios sempre foram vistos como “pertencentes” ao nosso continente havendo diversos estudos sobre suas manifestações culturais, sociais, religiosas e suas reivindicações sobre a propriedade de terras amparadas por lei.

Os negros, diferentemente dos índios – considerados “da terra” -, enfrentaram muitos questionamentos sobre a legitimidade de apropriarem-se de um lugar, cujo espaço pudesse ser organizado conforme suas condições, valores e práticas culturais. (LEITE, 2000:334)

Entender as raízes de nossa cultura e a preservação das mesmas é de fundamental importância enquanto legado a estes grupos quilombolas que, apesar das diferenças e da perseguição, sempre fizeram parte de nossa história. Compreender portanto, como a globalização e suas diversas formas de introdução de novos signos e significados se dá em

relação a estas comunidades é vital para a preservação das mesmas, visto que o jovem, sempre em movimento, questiona as possibilidades oferecidas pelo “local”, em oposição as “inúmeras possibilidades” oferecidas pelo global, possibilidades estas que lhes são oferecidas através dos meios de comunicação.

...Estamos em movimento mesmo que fisicamente imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E no entanto os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente ‘globais’; alguns se fixam na sua ‘localidade’ – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os ‘globais’ dão o tom e fazem as regras do jogo da vida. Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. (BAUMAN, 1999:8)

Através de um estudo de caso (em andamento) no Remanso com observação participante, percebermos que a globalização pode induzir ao esquecimento os ritos simbólicos nesta comunidade. Foram feitas entrevistas abertas com adolescentes e adultos, além de um grupo focal com jovens entre 12 e 18 anos.

Como resultado parcial, percebemos que com a chegada da luz elétrica, muitos dos costumes foram drasticamente alterados. Quando escurece, as pessoas ficam fechadas em suas casas, diante da televisão, para ter “acesso” a outros mundos através das novelas e dos filmes que são assistidos.

Para os tradicionais como seu Aurino, sanfoneiro do Remanso que já teve a possibilidade de visitar duas vezes a Espanha (patrocinado por uma ONG internacional para mostrar a sua arte), desde que a luz chegou, tudo mudou.

“Algumas coisas melhoraram mas a maioria piorou. O que mudou foi a nossa cultura que acabou-se. Os jovens hoje não se importam de aprender o que a gente aprendia antigamente. Se um tocava sanfona já ensinava outros que queriam aprender sanfona. Se tocava gaita ensinava o outro que queria a gaita, ‘batê’ bumba. Era muito bom. Hoje não tem nada disso. ‘Tenho que assistir meu filme, tenho que assistir minha novela’. O que mudou prá pior foi isso. A nossa cultura ficou esquecida”.

Percebe-se que os mais velhos sentem falta dos ritos simbólicos da comunidade como a marujada, a festa de índios, o culto do Jarê.

É fato que a luz trouxe diversas vantagens como a possibilidade de armazenamento dos peixes, de as crianças brincarem, andarem de bicicleta até tarde no terreiro central, de

haverem aulas noturnas de capoeira dentro da escola local, mas o preço que a tradição local está pagando é alto.

As possibilidades oferecidas pelas “transmissão e conexão” tem necessidades como a geladeira, a bicicleta, o som, a TV. O novo exige consumo.

O jovem, em sua constante busca pela novidade, quer sair do Remanso para, em sua maioria, ou ser cantor/a ou artista (numa alusão as telenovelas) ou jogar futebol e ganhar o mundo que se apresenta cheio de possibilidades.

- “A gente sempre cantou, desde pequena. Queremos ser cantoras!” (Fala de duas meninas da comunidade, Itamara e Dani, de 13 e 14 anos respectivamente)

No grupo focal feito com adolescentes de 12 a 18 anos, o principal ponto abordado por eles é a “falta do que fazer” e “como ganhar dinheiro”.

- “Aqui não tem como. Temos que mudar para cidade. Lá tem trabalho!” (Luciano, 16 anos)

A possibilidade de trabalho a que ele se refere, para as meninas é ser empregada doméstica (nas casas, nas diversas pousadas) ou vendedora em uma das várias lojinhas da cidade e para os meninos, é ser garçon ou guia turístico.

Perguntados sobre as alternativas e oportunidades oferecidas pela comunidade para a sua permanência, em sua maioria foram lacônicos: “Não existe”.

Segundo Canclini,

...Como a globalização não apenas homogeneíza e nos aproxima, mas também multiplica as diferenças e gera novas desigualdades, não se pode valorar a versão oficial das finanças e da mídia globalizada – que nos prometem onipresença – sem ao mesmo tempo entender a sedução e o pânico de chegar facilmente a certos lugares e interagir com seres diferentes. Além do risco de nos sentirmos excluídos ou de sermos condenados a conviver com quem não queremos. A globalização não consiste na disponibilidade de todos para todos, nem na possibilidade generalizada de entrar em todos os lugares, é impossível entendê-la sem os dramas da interculturalidade e da exclusão, sem as agressões ou auto-defesas cruéis do racismo e das disputas, amplificadas em escala mundial, para marcar a diferença entre o outro que escolhemos e o vizinho compulsório. A globalização sem a interculturalidade é um “OCNI”, um objeto cultural não-identificado”. (CANCLINI, 2003:46)

De que maneira podemos então minimizar os ruídos presentes numa comunicação unilateral que investe num imaginário perfeito, de muitos sonhos e pouca realidade?

É fundamental preservarmos os ritos simbólicos de uma cultura que também é nossa, sem contudo transformarmos em espetáculo aquilo que era cotidiano e se fez fábula.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

_____. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001

_____. *Vida Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2009

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. UNESP – São Paulo, 2003

BERGAMIN, Sig. *Adoro o Brasil*, Editora Girafa – São Paulo, 2003

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*, Editora Iluminuras, São Paulo – 2003

FELZEMBURG, Renata Cedraz Ramos. *Comunidades remanescentes de quilombos, um retrato do multiculturalismo nacional*. Procuradora federal Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Artigo publicado em 26 de novembro de 2009 no site www.incra.gov.br

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio, o dicionário da língua portuguesa*, 6ª edição revista e atualizada, Editora Positivo, Curitiba-PR, 2005

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolé*, Editora Unesp – São Paulo, 1991

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*, 6ª Ed., Editora Record – São Paulo, 2007

LEITE, Ilka Boaventura, *Os Quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas*. NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas – Universidade Federal de Santa Catarina, 2000, p. 334

RUIZ, Castor M.M. Bartolomé, *Os paradoxos do imaginário*, Editora Unisinos - São Leopoldo, RS, 2003

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Ed. Record, São Paulo-SP, 2009

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo-SP, 2007

TENDLER, Silvio. Filme: *Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá*, 2006